

SÃO PAULO, CIDADE ABERTA OU A TORRE DE BABEL

A primeira intervenção feita por Sinopse propunha no Festival de Brasília de 1999 uma defesa do filme de baixo orçamento. Era uma época de dúvidas, onde muitos torciam o nariz só de ouvir falar em barateamento da produção, dogma 95, etc... Original ou não a proposta, o fato é que o ano de 2000 foi marcado por uma absorção da idéia entre quase todas as gerações de cineasta brasileiros, o que para nós é motivo de regozijo.

Esta segunda intervenção é certamente menos propositiva que a anterior, mas esperamos que não menos sedutora. Propomos antes um recorte que uma solução à curto prazo. À nível federal, apesar de algumas propostas que circulam e da ação do Gedic, cujo resultado é até agora uma incógnita, a política permanece a mesma desde o início das leis de incentivo em 1992. Seus resultados são consensualmente contracionistas. De modo que pensar políticas públicas municipais não é obviamente uma solução para o cinema brasileiro, mas antes de tudo uma oxigenação política para a camisa de força da política federal. É na cidade que se faz o corpo a corpo da política, dos acertos e alianças que podem resultar numa política audiovisual que sociabilize, dê mais acesso à exibição e à produção de imagens pelos próprios cidadão. Um terreno ainda válido de disputa. É nas cidades que vivem as pessoas, e é nela que se fazem os filmes. Utopias? Claro que sim. A cidade e o cinema são o espaço das utopias, sejam elas válidas ou requentadas, imagens autênticas, ou simulacros frutos de monopólios de produção audiovisual, como aponta o artigo de Nelson Hoineff.

Aproveitamos e cutucamos nesta edição uma ferida conhecida de todos e que é em parte uma consequência dessa camisa de força: o cinema brasileiro é pouco reconciliado com as cidades. Os cineastas não perdoaram a complexificação rápida da cidade, a morte das utopias fáceis sem sobre-aviso. Ressentiram-se na ficção mais tímida. Se nasceram juntos, cidade e cinema, como lembra o ensaio de Gustavo Dahl, no Brasil os cineastas não acompanharam a velocidade da cidade. Compreensível, pois quase ninguém o fez. Para Ignácio de Loyola, a cidade é ninfomaniaca, quer que muitos a penetrem. A cidade mudou. E onde estavam os cineastas? Que corram, rápido, detrás do prejuízo. Enquanto ainda não constróem em São Paulo a prometida torre futurista no protótipo "Blade Runner," que os produtores pesquisem a cidade que ainda se dá a ver, pois "parecer já é caminho para ser" como lembra Dahl. A torre é arquitetonicamente a forma mais antiga de poder. Que os cineastas não fiquem nos topos das torres de patrocínio, e que voltem às ruas. Esta é uma Sinopse dedicada a todas as metrópoles que, como São Paulo, precisam recuperar a produção de imagens como meio potencializador da vida social e comunitária, passo fundamental para que um dia venha também a ser uma economia.

os Editores

